

BAÍA DE GUANABARA: Em meados de 1560, os originais donos dessa terra ainda eram os índios.

BAÍA DE GUANABARA: Eles tinham medo das montanhas de pedra que cercavam a Baía de Guanabara, pois as associavam a coisas maléficas.

BAÍA DE GUANABARA: Da guerra nasceu a Cidade do Castelo de São Sebastião.

BAÍA DE GUANABARA: O rei da França não aceitou a divisão do Novo Mundo entre Portugal e Espanha:

FRANCISCO I (REI DA FRANÇA): “Quero ver o testamento de Adão!”.

BAÍA DE GUANABARA: Para as margens da Baía de Guanabara vieram franceses com o intuito de povoar as terras férteis.

BAÍA DE GUANABARA: Em 1564, era um dos poucos territórios no litoral do Brasil que os colonizadores portugueses ainda não haviam povoado impetuosamente.

BAÍA DE GUANABARA: Tinham duas tribos da genealogia tupinambá que habitavam as margens da Baía de Guanabara: os tamoios e os temiminós. Eram tribos parentes e próximas, mas rivalizavam.

BAÍA DE GUANABARA: Os franceses, malandramente, se aproximaram dos índios tamoios, que viam os portugueses como inimigos.

BAÍA DE GUANABARA: A Coroa Portuguesa percebeu a ameaça e o perigo que representava essa ocupação.

BAÍA DE GUANABARA: Por isso, o governador geral do Brasil, Mem de Sá, que nas horas vagas fazia versos e poesias, ordenou, da cidade de Salvador, que portugueses

desembarcassem imediatamente nas margens da Baía de Guanabara para povoar e conquistar a nova terra.

BAÍA DE GUANABARA: Os jesuítas chegaram para catequizar os índios temiminós e aproximá-los dos portugueses.

BAÍA DE GUANABARA: Estácio recebeu a incumbência de seu tio Mem de Sá para expulsar os franceses e fundar a cidade.

BAÍA DE GUANABARA: A rivalidade das tribos foi estimulada como estratégia de guerra e combate.

BAÍA DE GUANABARA: Os portugueses e os temiminós, liderados pelo filho de Maracajá-Guaçu, o famoso Arariboia, se juntaram nessa batalha épica e atacaram a fortaleza dos franceses.

BAÍA DE GUANABARA: Mesmo com uma grande ação de combate, os franceses não abandonaram o território.

BAÍA DE GUANABARA: Em 1567, Estácio de Sá e os temiminós somaram forças e reforços militares para a grande guerra nas margens da Baía de Guanabara.

BAÍA DE GUANABARA: Como se sabe, os portugueses venceram. E os tamoios foram quase todos exterminados.

BAÍA DE GUANABARA: Após uma longa e exaustiva batalha, oficializaram a fundação da cidade no Morro do Descanso, que ficou conhecido como o Morro do Castelo de São Sebastião.

MEM DE SÁ: “Escolhi hum sítio que parecia mais conveniente para hedificar nelle a cidade de São Sebastião, o qual sítio hera de um grande mato espeço cheo de muitas

árvores grossas em que se levou asaz de trabalho em as cortar e a limpar o dito sítio e hedificar huma cidade grande”.

MEM DE SÁ: “E fiz a igreja dos padres de Jesus onde agora residem telhada e bem consertada”.

MEM DE SÁ: “No Morro do Castelo, determinei construir a igreja da fundação da cidade com o nome do nosso padroeiro São Sebastião”.

MEM DE SÁ: “A Casa da Câmara, que será o mesmo recinto da Prisão Pública. Será construída a casa do nosso governador e a casa para os primeiros moradores. Haverá também a igreja e o colégio dos jesuítas, grandes parceiros e colaboradores nossos”.

BAÍA DE GUANABARA: O governo de Mem de Sá foi marcado pelo forte incentivo ao comércio de escravos negros e à intensa catequização de índios.

BAÍA DE GUANABARA: O lema do padre jesuíta Manuel da Nóbrega era: “Esta terra é nossa empresa”.

BAÍA DE GUANABARA: Mem de Sá, após a morte de seu querido sobrinho Estácio, assassinado por uma flecha envenenada, voltou para Salvador e deixou governando, na cidade do Castelo de São Sebastião, um outro sobrinho que redistribuiu as terras entre diversos parentes e parceiros.

BAÍA DE GUANABARA: A família Sá controlou grandes extensões de terra no Brasil.

BAÍA DE GUANABARA: Nos alicerces dessa cidade, a conquista do território veio carimbada pela violência.

BAÍA DE GUANABARA: Paradoxalmente, todo processo de colonização evoluiu em torno de valores que enfatizavam a pacificação.

BAÍA DE GUANABARA: Pacificados através da opressão.

BAÍA DE GUANABARA: O Brasil foi o primeiro país do mundo a importar escravos do continente africano. E o último a abolir o tráfico, o comércio e, bem posteriormente, a escravidão.

BAÍA DE GUANABARA: Organizaram muito bem todo um aparato político, religioso, econômico e militar que lhes garantiu o domínio sobre negros e índios.

BAÍA DE GUANABARA: Mas não conseguiram controlar e abafar a sua cultura e musicalidade.

BAÍA DE GUANABARA: Eram legalmente definidos como mercadorias, e não como pessoas.

BAÍA DE GUANABARA: Cidade do Castelo de São Sebastião: capital mundial do sequestro e comércio de prisioneiros escravos negros. Milhares desembarcaram na Praia do Peixe e no Cais do Valongo, nas proximidades do Morro do Castelo.

BAÍA DE GUANABARA: A Praia do Peixe e o Cais do Valongo, hoje, são praias fantasmas. Foram aterradas com as terras do desmonte do Morro do Castelo em uma das muitas reformas urbanas que transformaram a cidade de São Sebastião.

BAÍA DE GUANABARA: O excesso de recursos naturais de uma nação pode gerar ruínas para a sua população.

BAÍA DE GUANABARA: Poucos sabem, mas havia uma lenda que dizia existir um abissal tesouro enterrado nos subterrâneos do Morro do Castelo. De certa forma, essa lenda pode ser verdadeira, pois muitos terrenos e igrejas no Morro do Castelo pertenciam aos jesuítas, que foram os maiores proprietários de terra na cidade do Rio de Janeiro.

BAÍA DE GUANABARA: No cume do morro, ficava a igreja, que era a sede principal da ordem religiosa.

BAÍA DE GUANABARA: Nessa igreja era armazenado o que arrecadavam do dízimo eclesiástico, e o percentual da extração de minério de todo o Brasil.

BAÍA DE GUANABARA: A união de Mem de Sá com os jesuítas assegurou a conquista do território e, em contrapartida, os padres obtiveram volumosas extensões de terra...

BAÍA DE GUANABARA: ... e milhares de índios catequizados.

BAÍA DE GUANABARA: Muitas terras, muitos índios catequizados, muitos escravos e rebanhos trouxeram para os jesuítas uma prosperidade jamais vista.

BAÍA DE GUANABARA: Onde há tesouros pode haver ruínas...

BAÍA DE GUANABARA: Suspeitos de tentarem instituir um império independente, a Coroa Portuguesa passou a observar negativamente os padres jesuítas.

BAÍA DE GUANABARA: Principalmente devido ao acúmulo excessivo de recursos financeiros.

BAÍA DE GUANABARA: Desconfiados do que poderia acontecer, eles transferiram suas propriedades para nomes de terceiros, na esperança de as recuperarem posteriormente.

BAÍA DE GUANABARA: O Marquês de Pombal, uma figura política bastante controversa, realizou uma reforma drástica em Portugal e em suas colônias. Em um dos seus diversos decretos, ordenou:

MARQUÊS DE POMBAL: “Tudo o que dentro sair do Morro do Castelo, como o que lhe fora lhe introduzir, será bem visto e revisto.”

BAÍA DE GUANABARA: Os jesuítas tentaram resistir à perseguição e afirmaram que o boato sobre a existência de tesouros no Morro do Castelo era calúnia de pagãos.

BAÍA DE GUANABARA: Mas não houve jeito. Foram acusados pelo Marquês de Pombal de traição, perseguidos e expulsos do Brasil.

BAÍA DE GUANABARA: E o padre Gabriel Malagrida foi queimado em praça pública.

BAÍA DE GUANABARA: Séculos depois, ele ficou conhecido na Umbanda como o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

BAÍA DE GUANABARA: Mas os jesuítas deixaram a lenda de que no Morro do Castelo de São Sebastião havia um valioso tesouro armazenado.

BAÍA DE GUANABARA: Os antigos manuscritos diziam que havia ouro em pó, moedas, barras e imagens de santos com olhos cravejados de brilhantes e esmeraldas, guardados em catacumbas secretas.

BAÍA DE GUANABARA: Este fabuloso tesouro estava escondido nos seus subterrâneos, em secretas galerias.

BAÍA DE GUANABARA: Depois da expulsão dos jesuítas, os terrenos e prédios que eram de sua propriedade foram desativados.

BAÍA DE GUANABARA: E nas bases de uma igreja que ainda não havia sido construída, foi instalado o Observatório Astronômico.

BAÍA DE GUANABARA: A lua testemunhou os fatos e relatos. Mas o eclipse lunar registrado no topo do morro, encobriu o passado e o futuro trágico do Castelo de São Sebastião.

BAÍA DE GUANABARA: Posteriormente, o Morro do Castelo passou a ser um local esquecido. Não sabemos ao certo se por descuido ou de propósito. Façam suas apostas...

BAÍA DE GUANABARA: Após a expulsão dos discípulos de Manuel da Nobrega e de Anchieta, vários homens tentaram a concessão do Morro do Castelo para realizar escavações.

BAÍA DE GUANABARA: No ano de 1863, o empresário Nominato de Assis solicitou a Dom Pedro II a permissão para explorar o Morro do Castelo.

BAÍA DE GUANABARA: Ele assegurou que tinha profundo conhecimento de um antigo manuscrito que conduzia ao tesouro soterrado no morro.

BAÍA DE GUANABARA: Havia menção a grandes salas, longos corredores, vastas galerias em diversas direções e profundidades, localizados nas entranhas do Morro do Castelo.

BAÍA DE GUANABARA: Um outro caso curioso é que um morador do Morro do Castelo denunciou à prefeitura da cidade que estavam furando um buraco largo e profundo em direção a uma mina subterrânea. E uma suposta existência de um tesouro na Praça do Castelo.

BAÍA DE GUANABARA: A população da cidade de São Sebastião acreditou no tesouro subterrâneo no Morro do Castelo por séculos.

BAÍA DE GUANABARA: No período da reforma urbana feita pelo prefeito Francisco Pereira Passos, conhecido como o “Bota Abaixo”, começou o primeiro desmonte do Morro do Castelo.

BAÍA DE GUANABARA: Amplas avenidas: um cenário perfeito de uma grande comemoração.

BAÍA DE GUANABARA: Esse desmante tinha a intenção de embelezar e civilizar a cidade de São Sebastião. E também prepará-la para receber grandes eventos comemorativos, tais como a Exposição Nacional.

BAÍA DE GUANABARA: Todos deveriam celebrar o progresso do Brasil.

BAÍA DE GUANABARA: Mais pântanos e lagoas foram aterrados. Muitos rios desviados e canalizados. Inclusive o Rio Carioca, que dá nome a quem nasce nessa cidade.

BAÍA DE GUANABARA: Transformação total!

BAÍA DE GUANABARA: Nesse primeiro desmante, cintilou novamente a lenda do tesouro subterrâneo deixado pelos jesuítas. Saiu do imaginário e entrou para o cotidiano da cidade. Principalmente devido a uma importante descoberta...

BAÍA DE GUANABARA: O escritor Lima Barreto cobriu-a como repórter para o jornal *Correio da Manhã*, narrando este incrível acontecimento.

LIMA BARRETO: No dia 26 de abril de 1905, o trabalhador Nelson notou com surpresa que o terreno cedia, desobstruindo a entrada de uma vasta galeria.

LIMA BARRETO: Uma turma explorava o dorso imoto do morro; súbito, a ponta da picareta de um operário bate num vazio, e some-se...

BAÍA DE GUANABARA: Alguns dias depois, a equipe de operários descobre outras galerias. E encontram instrumentos de tortura, correntes, algemas e coleiras de ferro.

BAÍA DE GUANABARA: A mais alta cúpula do governo, e também o presidente da República, visitam as galerias subterrâneas do Morro do Castelo.

LIMA BARRETO: Mais uma galeria subterrânea foi descoberta ontem no Morro do Castelo.

LIMA BARRETO: Estamos com um vulcão por cima da cabeça.

LIMA BARRETO: Alegrem-se os que acreditam na existência de fabulosas riquezas na galeria do Morro do Castelo. Se o ouro ainda não refulgiu ao golpe explorador da picareta, um modesto som metálico já se fez ouvir.

LIMA BARRETO: A frase não seria de todo absurda, desde que por uma ficção poética se concedessem por um momento ao inofensivo Castelo as honras vulcânicas.

LIMA BARRETO: Estes fatos já estavam quase totalmente esquecidos quando ontem novamente se voltou a atenção pública para o desgraçado morro condenado a ruir em breve. Aos golpes da picareta demolidora dos construtores da avenida.

LIMA BARRETO: E a picareta dos trabalhadores vai descobrindo galerias, salas subterrâneas, confirmando o que dizem os roteiros.

LIMA BARRETO: A boca negra de um outro subterrâneo escancarava-se.

BAÍA DE GUANABARA: O engenheiro Henrique Dab Verme, que era um pesquisador de documentos arqueológicos, solicitou a concessão e a exploração das galerias subterrâneas para a Câmara dos Deputados. Dab Verme também afirmou que sabia precisamente o lugar em que os jesuítas esconderam o tesouro.

BAÍA DE GUANABARA: O requerimento de Dab Verme era um afronto e uma ameaça ao poder do prefeito Pereira Passos de decidir o destino das galerias subterrâneas.

BAÍA DE GUANABARA: Então, por determinação do próprio prefeito, elas foram fechadas, inviabilizando qualquer tipo de busca arqueológica.

BAÍA DE GUANABARA: O assunto desapareceu nos jornais, e, quase como sempre, tudo foi rapidamente esquecido.

BAÍA DE GUANABARA: As ações financeiras do desmonte do Morro do Castelo estavam sendo cotadas na bolsa de valores e a descoberta do possível tesouro estava em cláusulas de contratos firmados entre o Estado e as concessionárias que executaram o desmonte.

BAÍA DE GUANABARA: Principalmente o segundo desmonte.

BAÍA DE GUANABARA: Nunca se achou o tesouro. Não que se saiba...

BAÍA DE GUANABARA: Após a Abolição da Escravatura, não houve qualquer política de inclusão social.

BAÍA DE GUANABARA: Milhares foram abandonados à própria sorte.

BAÍA DE GUANABARA: Os senhores de engenho foram eximidos de suas responsabilidades. E o Estado também.

BAÍA DE GUANABARA: O argumento da insalubridade pública do Morro do Castelo é retomado com força total nos anos 20.

BAÍA DE GUANABARA: Para alguns, principalmente para os que tinham interesses econômicos, o Morro do Castelo simbolizava o atraso do Brasil.

ENTREVISTADOR: Às 15 horas e 25 minutos do dia 30 de outubro de 1985, tem início o depoimento da senhora Florinda Villardo, e Francisco Villardo, também conhecido como Francisco Moreno.

DONA FLORINDA: Eu nasci no Morro do Castelo em 2 de novembro de 1902.

SEU FRANCISCO: Eu nasci no Morro do Castelo em 1910.

SEU FRANCISCO: A igreja do adro foi construída em 1567. E eu vi um padre descer. Aí fiquei olhando... O quê que é isso aí? Fui saber o quê que era... E fui lá embaixo da igreja, com um salão imenso, com mesa de pedra, com bancos de pedra, tudo de pedra... E comecei a andar e, de repente, dei com um buraco. Aquele buraco tinha ligação até a praça, que eram aqueles caminhos... Praça do Castelo... Quer dizer, eles fizeram vários buracos. Um foi no pau da bandeira, onde eu entrei...

DONA FLORINDA: Tinha dois.

SEU FRANCISCO: Tinha outros. Esse daí ia dar na praça do Castelo. Aconteceu o seguinte: quando demoliram aquela parte do pau da bandeira lá pra trás, encontraram uma caixa com joias.

DONA FLORINDA: Encontraram?

SEU FRANCISCO: Sim, senhora.

ENTREVISTADOR: Isso não é lenda?

SEU FRANCISCO: Não é lenda, não. Não é lenda, não. Encontraram sim e isso sumiu, falaram com a polícia da época e sumiu! Segundo eu soube, encontraram até um crucifixo de ouro cravejado de brilhantes e diamantes!

ENTREVISTADOR: No caso, nem os padres sabiam da existência desse tesouro?

SEU FRANCISCO: Não, porque foi lá no buraco que era do outro lado.

DONA FLORINDA: Se não, tinham levado, né?

BAÍA DE GUANABARA: Era preciso tirar do centro da cidade essa população. Naquele momento, era um lugar de grande valorização imobiliária.

ENTREVISTADORA: Série de depoimentos “Arquivo Vivo” com o depoimento do engenheiro Carlos Soares Pereira.

ENGENHEIRO CARLOS SOARES PEREIRA: Havia a necessidade da remoção. Como em qualquer obra que se faça, exigindo demolições, há a transferência dos moradores, né?, porque o governo da cidade...

ENTREVISTADOR: Não, eu não me referi ao aspecto do desabrigo. Me referi a se havia alguma intenção, além da área plana, de remover essas populações do centro da cidade.

ENGENHEIRO CARLOS SOARES PEREIRA: Isso é um assunto, que eu lhe confesso não ter uma resposta a te dar. Porque isso era um assunto mais reservado à alta administração. Talvez houvesse essa ideia...

NARRADOR DO FILME *FRAGMENTOS DA TERRA ENCANTADA*: A Avenida Central desemboca num vasto estuário em que se reúne o mais monumental agrupamento de edifícios da cidade com a estátua do “Marechal de Ferro”, o grande Floriano Peixoto: a Biblioteca, a Escola de Belas Artes, o Theatro Municipal e o belo Palácio dos (?) do Conselho, recentemente construído.

NARRADOR DO FILME *FRAGMENTOS DA TERRA ENCANTADA*: Num dos pontos mais movimentados da Avenida Central, por baixo do Hotel Avenida, na Galeria Cruzeiro, passam todos os bondes das linhas da Zona Sul da cidade.

NARRADOR DO FILME *FRAGMENTOS DA TERRA ENCANTADA*: Tudo de uma grandiosidade que faz do Rio a digna capital de nosso imenso Brasil.

BAÍA DE GUANABARA: Todos deveriam celebrar o progresso do Brasil.

BAÍA DE GUANABARA: A nata da sociedade, e também a intelectualidade, difundiam ideais de branqueamento da nação. Segundo a elite dominante, as revoltas não eram por questões relacionadas às insatisfações e reivindicações, e sim por causa do clima tropical quente e úmido, e da constituição étnica do povo brasileiro.

BAÍA DE GUANABARA: Difundiam a ideia de que o Brasil não podia ser uma nação civilizada e desenvolvida porque o calor e a mistura de raças o tinham desandado, e isso tornou a população brasileira preguiçosa, indolente e desregrada.

BAÍA DE GUANABARA: Atualmente, o “higienismo” é usado para a política de limpeza urbana que impõe a retirada de pessoas de suas casas sob as alegações de que transmitem doenças, são criminosas e que prejudicam a estética das cidades.

SEU FRANCISCO: Eles iam avisando de casa em casa...

DONA FLORINDA: ... que tinha que sair...

SEU FRANCISCO: ... que tinha que sair porque...

DONA FLORINDA: ... o morro ia ser demolido. Eles, muito antes, foram com aquela fita métrica e tiravam medida das ruas...

SEU FRANCISCO: Dava pra ver a quantidade de terra, ali.

DONA FLORINDA: Quantas vezes foram tirar as medidas dizendo que o morro ia abaixo... Ninguém acreditava, mas teve um dia que foi mesmo.

BAÍA DE GUANABARA: Nada oculta que o principal desígnio do prefeito Carlos Sampaio era a remoção da cidade velha e histórica.

BAÍA DE GUANABARA: Ele tinha, por mais de duas décadas, o desejo e a ambição de desmontar o Morro do Castelo.

BAÍA DE GUANABARA: Ele era sócio da empreiteira que iria executar o desmonte.

BAÍA DE GUANABARA: Uma obra de grande investimento financeiro que destruiu para sempre o bairro da Misericórdia e o Castelo.

BAÍA DE GUANABARA: Com o pretexto de melhorar a salubridade do ar, a circulação dos ventos marítimos, diminuir o calor e impedir a disseminação de infectos, foi decretado o desmonte do Monte da Cidade de São Sebastião.

SEU FRANCISCO: Quando entraram as bombas d'água, aí o negócio ficou feio.

DONA FLORINDA: Cada bomba enorme, que pegava água do mar.

SEU FRANCISCO: Do mar, água do mar... E eles iam comendo por baixo.

DONA FLORINDA: Botaram um trezinho ali, também.

SEU FRANCISCO: Três ou quatro homens segurando tipo um canhão. Seguravam aquilo e manobravam. Eram manobreiros.

DONA FLORINDA: Tristes ficamos, né?, porque ninguém queria sair de lá. Quem morava lá não queria sair, não. O Castelo era bom.

BAÍA DE GUANABARA: A capital do Brasil preparava-se para uma grande celebração da modernidade e do progresso.

BAÍA DE GUANABARA: Todos estavam concentrados nas comemorações do momento glorioso que o país vivia e no futuro promissor que apontava.

BAÍA DE GUANABARA: O Morro do Castelo, “célula matriz de Sebastianópolis”, foi derrubado especialmente para a festa da Exposição. E, assim, criaram uma cidade inspirada em Paris.

BAÍA DE GUANABARA: A capital da nação moderna e civilizada, conforme foi prometido.

BAÍA DE GUANABARA: No ano do Centenário, as obras do desmonte andavam muito lentamente.

BAÍA DE GUANABARA: Mas não atrapalharam nem ofuscaram o brilho dos jogos recreativos nem a visita dos pavilhões.

BAÍA DE GUANABARA: A beleza dos palácios e parques recreativos recompensaria a lembrança e o esquecimento do Morro do Castelo. A Exposição deveria preencher todos os objetivos patrióticos, afastando completamente o pessimismo doentio dos “maus brasileiros”.

BAÍA DE GUANABARA: O desmonte do monte comprometeu a avaliação do passado, e, também, o futuro da capital federal.

BAÍA DE GUANABARA: Pretendiam exibir ao mundo civilizado o progresso atingido pela jovem nação. Mas, de fato, se vivia uma ilusão de carnaval.

Ó abre alas que eu quero passar/Peço licença pra poder desabafar/A Jardineira abandonou o meu jardim/Só porque a Rosa resolveu gostar de mim/A Jardineira abandonou o meu jardim/Só porque a Rosa resolveu gostar de mim/Só porque a Rosa resolveu gostar de mim/Eu não quero a Rosa/Por que não a Rosa que não tenha espinhos?/Prefiro a Jardineira carinhosa/A flor cheirosa dos teus carinhos/Prefiro a Rosa carinhosa/A linda flor dos teus carinhos/Ó abre alas que eu quero passar/Peço licença pra poder desabafar/A Jardineira abandonou o meu jardim/Só porque a Rosa resolveu gostar de mim/A Jardineira abandonou o meu jardim/Só porque a Rosa resolveu gostar de mim

BAÍA DE GUANABARA: O governo de Carlos Sampaio afirmava que, com os terrenos obtidos com o desmonte, teria muitos recursos financeiros. Porém, os custos da obra alcançaram valores altíssimos. Foram necessários vários empréstimos bancários. Inclusive, empréstimos internacionais.

BAÍA DE GUANABARA: A capital da nação ficou mergulhada num mar de dívidas.

BAÍA DE GUANABARA: A população que havia sido expulsa do Morro do Castelo, sem ter para onde ir, deveria se sentir recompensada pelos “deleites” que desfrutavam naquele “armazém dos deuses”.

BAÍA DE GUANABARA: Mas o que realmente ocorreu foram milhares de desabrigados.

BAÍA DE GUANABARA: E para festejar este grandioso evento e desenvolvimento da nação, era necessário tirar aquela “mancha” que “sujava” o coração da cidade.

ENTREVISTADOR: Tem início o depoimento do engenheiro José de Oliveira Reis no Museu da Imagem e do Som como parte do ciclo de depoimentos “Arquivo Vivo”.

ENGENHEIRO JOSÉ DE OLIVEIRA REIS: Para a execução dessa obra, o Carlos Sampaio tinha a necessidade urgente de começar a demolir o Morro do Castelo; o que tinha uma dificuldade muito grande. Primeiro, a grita geral porque foi o morro de fundação, praticamente, da cidade do Rio de Janeiro. Teve que desalojar aquele pessoal todo que saiu lá do morro, desapropriar aqueles prédios todos e alojar e dar casa... Ou melhor: não davam casa, não. Pagava e mandava embora de qualquer jeito.

ENTREVISTADOR: Não havia proteção ao patrimônio histórico e artístico?

ENGENHEIRO JOSÉ DE OLIVEIRA REIS: Não. Nem existia isso. Primeiro que não existia história, muito menos patrimônio...

ENTREVISTADOR: A prefeitura contava com o dinheiro dos terrenos, mas os terrenos não foram vendidos, em parte. Mas ela esperava vender os terrenos, né?

ENGENHEIRO JOSÉ DE OLIVEIRA REIS: Esperava vender, mas terreno não vende como você quer, vende quando tem comprador. Isso foi a Companhia de Melhoramentos de Carlos Sampaio, cujo presidente era André Gustavo Paulo de Frontin. E o vice-presidente dessa companhia era Carlos Sampaio, companheiro dele. Então, foi Carlos Sampaio quem tratou dessa parte toda. E ele dizia: “Esse morro eu tiro porque qualquer outro morro qualquer outro prefeito pode tirar também”. Essa era uma frase dele. E ele realmente executou. Primeiro, com escavação mecânica, com guindastes, pás mecânicas e até picaretas; depois é que ele, com uma técnica melhor, e mais rápida, foi por jato d’água. Ele tirava água do mar, bombeava e lançava. Tirou uma parte grande do morro, mas ficou uma outra parte, bem grande ainda, para ser executada.

LIMA BARRETO: Já ninguém contesta que o morro lendário, célula matriz de Sebastianópolis, encerra nas arcas de seus poços interiores, atulhados pela calíça de três séculos e meio, um alto, um elevado tesouro...

LIMA BARRETO: ... bibliográfico, pelo menos.

LIMA BARRETO: O homem já não se contenta em querer escalar o céu, quer também descer ao coração da terra e não poderá o Morro do Castelo embarçar-lhe a ação.

LIMA BARRETO: Hoje é a própria cripta do morro que se parte como a querer bradar para o céu o seu protesto contra a irreverência e avidez dos homens!

BAÍA DE GUANABARA: O escritor e repórter Lima Barreto foi uma das poucas vozes que defendeu veementemente a permanência e vida do Morro do Castelo de São Sebastião.

BAÍA DE GUANABARA: Morreu no mesmo ano em que o morro foi desmontado.

Quando eu morrer, não quero choro nem vela/Quero uma fita amarela gravada com o nome dela/Se existe alma, se há outra encarnação/Eu queria que a mulata sapateasse no meu caixão/Não quero flores nem coroa com espinho/Só quero choro de flauta, violão e cavaquinho

BAÍA DE GUANABARA: O desmonte do Morro do Castelo levou quase três décadas para finalizar.

BAÍA DE GUANABARA: A guerra contra os morros da cidade não parou por aí.

BAÍA DE GUANABARA: Era também preciso apagar a memória.

BAÍA DE GUANABARA: Tudo foi muito bem ocultado por anos.

Nada consigo fazer/Quando a saudade aperta/Foge-me a inspiração/Sinto a alma deserta/Um vazio se faz em meu peito/E de fato eu sinto/Em meu peito um vazio/Me faltando as tuas carícias/As noites são longas/E eu sinto mais frio/Procuro afogar no álcool/A tua lembrança/Mas noto que é ridícula/A minha vingança/Vou seguir os conselhos/De amigos/E garanto que não beberei/Nunca mais/E com o tempo/Essa imensa saudade que sinto/Se esvai